

O quarto narrador na perspectiva da circulação midiática

The fourth narrator in the perspective of the media circulation

Demétrio de Azeredo Soster¹

Resumo

Analisa-se, no artigo, na perspectiva da circulação midiática, a emergência de um quarto extrato narrativo, de natureza sistêmica, que nasce dos diálogos inter e transmidiáticos realizados entre os dispositivos que compõe o sistema midiático. Por sistema midiático compreenderemos o conjunto de jornais, revistas, rádios, televisões, sites, blogs, redes sociais etc., cujos sentidos, decorrência de complexos processos de enunciação, permitem que o mesmo seja reconhecido identitariamente. Já circulação será compreendida antes como espaço gerador de potencialidades, no diálogo com Fausto Neto (2013), Ferreira (2013) e Braga (2012), que lugar de passagem por meio do qual os dispositivos dialogam a partir dos polos de emissão e recepção. Compreender o quarto narrador por esta perspectiva é avançar nas reflexões realizadas até então (SOSTER, 2015, 2016) e situá-lo, antes, como lugar onde o jornalismo se reconfigura narrativamente que do ponto de vista sócio-identitário, sem desconsiderar esta perspectiva. As reflexões deste artigo foram maturadas durante o V Encontro Semiótica das Mídias, em setembro de 2016, em Japaratinga, Alagoas, e em novembro do mesmo ano, no 14º encontro da Associação Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo (14º SBPJor). Serão ilustradas por meio da análise do que ocorreu no evento envolvendo a morte de um golfinho no litoral argentino em fevereiro de 2016.

Palavras-chave:

Narrativa; Midiatização; Circulação; Sistema; Quarto narrador.

Abstract

In the article, we analyse from the perspective of the media circulation, the emergence of a fourth narrative extract of a systemic nature that is born from the inter and transmediatic dialogues realized between the devices that make up the media system. By means of the media system we understand as the set of newspapers, magazines, radios, televisions, websites, blogs, social networks, etc., whose meanings, due to complex processes of enunciation, allow it to be recognized by identity. Circulation will be understood as a space that generates potentialities, as in the dialogue with Fausto

¹ Pós-doutorando pelo PPG Comunicação da Unisinos, professor-pesquisador do PPG Letras e Departamento de Comunicação da Unisc. E-mail: deazedososter@gmail.com

Neto (2013), Ferreira (2013) and Braga (2012), which is the place of passage through the devices communicating from the emission and reception poles. To understand the fourth narrator from this perspective means to advance in the reflections made up to now (SOSTER, 2015, 2016) and explain it, rather, as a place where journalism reconfigures narratively that from the socio-identitary point of view, without disregarding this perspective. The reflections of this article were born during the V Semiotic Meeting of Media in September 2016 in Japaratinga, Alagoas, and in November of the same year, at the 14th meeting of the Brazilian Association of Journalists Researchers (14th SBPJor). The data will be illustrated by the analysis of what happened in the event involving the death of a dolphin on the Argentine coast in February 2016.

Keywords:

Narrative; Mediatization; Circulation; System; Fourth narrator.

Este artigo observa a emergência daquele que estamos chamando de “quarto narrador” a partir do conceito de circulação midiática, aqui compreendida antes como “espaço gerador de potencialidades” (FAUSTO NETO, 2010) que lugar por meio do qual fluxos informacionais de natureza jornalística têm lugar. Por esta perspectiva, os processos de enunciação realizados pelos dispositivos que compõem o sistema midiático, no que eles têm de jornalístico, além de emprestar identidade e diferença ao próprio sistema (SOSTER, 2015, 2016), acabam se estabelecendo como “zonas de articulação” em que reconfigurações narrativas têm lugar. Mais do que espaços vazios, ou de passagem, temos, assim, portanto, na formação destas zonas de articulação, a instauração de uma instância mediatizada em que processos de interpenetração negociam, articulam e disputam sentidos.

Os intervalos, enquanto regra naturalizada, devem ser lidos como complexa processualidade, enfeixando relações sobre as quais não se detêm o controle de suas dinâmicas. A própria existência, trajetos e efeitos dos vínculos que reúnem produção e recepção resultam do ‘aparelho circulatório’, enquanto efeito de suas próprias disposições, na medida em que é este último quem define e impulsiona sobre quais condições se fundam as operações de sentido. (FAUSTO NETO, 2010, p. 9)

Compreender o quarto narrador por este viés implica assumir, desde agora, como dito, a circulação midiática como ambiente antes de transformação que de passagem. É dizer, por outras palavras, que a circulação de informações, a partir das operações inter

e intramidiáticas – ou seja, no diálogo entre dispositivos ou no interior destes (FERREIRA, 2013) – “(...) explicita sua ‘atividade construcionista, gerando pistas, instituindo novos objetos, e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a integibilidade de seu funcionamento e de seus efeitos” (FAUSTO NETO, 2010). Note-se, ainda, que a perspectiva eleva o quarto narrador à condição de dispositivo: “O dispositivo não é meio e nem mensagem. É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio” (FERREIRA, 2013, p.5)

Para dar conta de nosso propósito metodologicamente, iniciaremos com uma revisão bibliográfica de como chegamos a ele; explicitaremos e tensionaremos o conceito de circulação midiática, para, finalmente, observarmos como ela se manifesta processualmente na análise proposta. A perspectiva recairá sobre notícia veiculada em dispositivos jornalísticos do sistema midiático a partir de fevereiro de 2016, onde era relatada a suposta morte de um filhote de golfinho por banhistas no litoral da Argentina.

Os exemplos nos sugerem que temos, neste momento, por meio do alinhamento temático e do fluxo de informações entre os dispositivos, visíveis por meio de marcas textuais, o quarto narrador em operação. Mas, também, a reconfiguração de lugares secularmente instituídos no jornalismo e a conseqüente emergência de novos atores no processo de oferta simbólica de sentidos. Isso ocorre dessa maneira porque a circulação de informações se dá, conforme veremos adiante, a partir a formação daquilo que Fausto Neto (2010) chama de “zona de contato”, “zonas de enunciação” ou “espaços geradores de possibilidades de interação” (FAUSTO NETO, SGORLA, 2013).

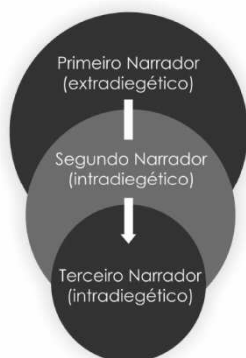
1 O quarto narrador

Em nosso percurso de pesquisa (SOSTER, 2015, 2016), a partir dos movimentos seminais de Genette (1988), na literatura, e de Motta (2013), na comunicação, para quem, no âmbito dos dispositivos, as disputas se dão em três níveis narrativos – 1º, 2º e 3º narradores, identificamos um quarto extrato narrativo a partir, como dissemos, dos processos de enunciação que emergem do diálogo existente entre os dispositivos. É dizer, por outras palavras, que consideramos, na perspectiva, a) não apenas os

dispositivos como lugares de enunciação, mas, também b) os contatos entre eles, em uma perspectiva dialógica (SOSTER, 2013) e intermediática, e, ainda, c) os sentidos que emergem deste diálogo e que emprestam forma ao sistema midiático, no que ele tem de jornalístico. Tem-se, dessa maneira, reiteramos, ao lado das questões de ordem identitárias – ligadas à necessidade de compreensão de quem é o quarto narrador – um problema de circulação midiática.

Os gráficos abaixo ajudam-nos a compreender como se dão os diálogos, e as decorrentes gerações de sentido, no âmbito do dispositivo; intramediáticos, portanto. Por os mesmos terem sido utilizados em outros momentos de nossa pesquisa (SOSTER, 2015, 2015-a, 2016), não nos demoraremos muito em sua análise, muito embora sua explicitação seja necessária ao propósito que almejamos.

Gráfico 1 – disputa de vozes no âmbito do dispositivo



Fonte: elaboração do autor.

No Gráfico 1, desenvolvido a partir do modelo de Motta (2013), encontramos a seguinte caracterização (SOSTER, 2015, 2015-a, 2016):

1.1 PRIMEIRO NARRADOR – Representa o dispositivo ou a organização/instituição que viabilizam sua impressão/veiculação do mesmo. No caso de um jornal impresso, ou site noticioso, é a empresa que o imprime/veicula, mas, também, a capa/primeira página e seus enunciados. É uma instância extradiegética, ou seja, encontra-se fora da história. O primeiro narrador opera no sentido de viabilizar as operações das demais instâncias e também suas próprias, exercendo, no movimento, uma certa hierarquia sobre as demais vozes, muito embora seja afetado

relacionalmente por elas.

1.2 SEGUNDO NARRADOR – É o jornalista que tem sob sua responsabilidade a elaboração dos relatos. Ele se encontra “dentro” da história, à medida que narra a mesma. Sua função é elaborar os relatos, à revelia de sua natureza (interpretativo, diversional, informativo etc.), tendo como parâmetro sua interpretação dos papéis e da posição das fontes em conflito.

1.3 TERCEIRO NARRADOR – São as fontes dos relatos jornalísticos. Estão dentro da história e são subordinadas, processualmente, ao segundo narrador, que os organiza a partir tanto de sua conveniência como do papel que ocupam nos relatos.

O Gráfico 1 sugere, como aponta Motta (2013), que o diálogo entre o primeiro, segundo e terceiro narradores se estabelece em uma perspectiva de poder, que é negociado a todo momento entre os três níveis narrativos, não obstante a referida ordem hierárquica. Poder aqui compreendido em uma visada sistêmica, ou seja, como um catalisador; mecanismo por meio do qual as operações conseguem se realizar mais facilmente nas instâncias processuais do sistema.

La función catalizadora del poder ya está basada em complejos causales muy intrincados. Precisamente por esto es por lo que el poder sólo se entiende como um médio de comunicación simbolicamente generalizado. El hecho de desarrollar formulaciones abstratas por medio de complejos de selección controlados simbolicamente, al mismo tempo assegura que el poder no se considera como algo dependiente de la acción direta e interferência por parte del poseedor de poder sobre la persona sujeta al poder. (LUHMANN, 2005, p. 19)

Importante salientar, nesse sentido, que o esquema representado no Gráfico 1 foi elaborado (SOSTER, 2015-a) a partir de processos produtivos jornalísticos em que a periodicidade ocupa papel de primeira importância; periodicidade aqui entendida como o período em que jornais e revistas, para ficarmos nos impressos, circulam até a próxima tiragem (diário, semana, quinzenal etc.). Se aplicado a dispositivos cuja circulação ocorre sem as presilhas da periodicidade, caso dos livros-reportagem e das biografias de natureza jornalística, por exemplo, sofre uma reconfiguração no interior

do dispositivo, como demonstra o Gráfico 2:

Gráfico 2 – processualidades diferenciadas



Fonte: elaboração do autor

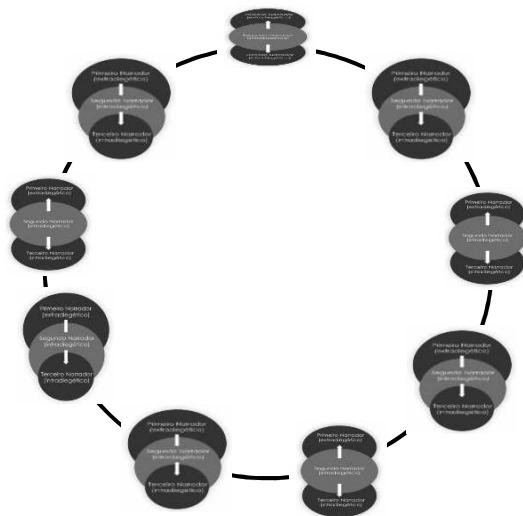
É dizer, sem nos alongarmos demais na reflexão, que a forma por meio da qual o dispositivo livro estabelece seus diálogos com seu entorno faz com que o jornalista-narrador, considerando-se livros de natureza jornalística, assuma para si o poder antes identificado no primeiro narrador. O nível de interferência segue o mesmo; ou seja, relacional. O que muda é o sentido por meio do qual o poder se coloca, afetando as decisões de todos.

As reflexões a respeito da existência de um quarto extrato narrativa emergiram, de um lado, das questões acima descritas enquanto que, de outro, da pesquisa realizada junto ao grupo “Narrativas comunicacionais reconfiguradas”, que mantemos junto ao Programa de Pós-graduação em letras da Unisc e que é ligado, seminalmente, ao “Grupo de estudos sobre narrativas literárias e midiáticas (Genalim)”, do CNPq.

Foi por meio destes que começamos a nos perguntar o que ocorria, por exemplo, quando os processos de enunciação realizados pelos dispositivos dialogavam entre si, em uma perspectiva dialógica, nos moldes de Luhmann (2009), criando uma zona de contato entre os dispositivos, e empresa forma ao sistema por meio do alinhamento temático.

O Gráfico 3 permite que compreendamos melhor a afirmação.

Gráfico 3 – O quarto narrador



Fonte: elaboração do autor

O gráfico sugere que o quarto narrador, é, de um lado, decorrência dos processos de enunciação dos dispositivos, e do diálogo entre eles enquanto que, de outro, dialoga com os três níveis internos identificados (1º, 2º e 3º), sem, no entanto, aparentemente exercer nenhuma hierarquia discursiva com eles, como ocorre no espaço intramidiático. Como este movimento ocorre quando mais de um dispositivo realizam processos de enunciação tematicamente semelhantes, afirmamos (SOSTER, 2015, 2015-a, 2016) que a voz do quarto narrador é multifacetada e plurivocal; ou seja, não é uma apenas, não obstante por meio dela possamos identificar o sistema em que se insere.

Caso observemos, no entanto, não o limite dessa zona de contato, mas, antes, o que ocorre nela, veremos, então, que são necessárias novas gramáticas interpretativas para compreendê-la. Isso porque, mais do que identidades, passamos a considerar processualidades, o que nos leva ao problema originalmente proposto – compreender o quarto narrador pelo viés da circulação midiática. A análise empírica nos ajudará neste propósito; antes, no entanto, é preciso delimitarmos o que entendemos por circulação midiática, e seus tensionamentos, o que faremos a partir de agora.

2 Circulação midiática

Se buscarmos compreender o conceito de circulação pelo viés da teoria do

jornalismo, veremos que ele a) usualmente não merece a mesma deferência em termos de pesquisa quanto os polos de emissão e recepção, por exemplo; b) quando ela é discutida, não é observada em sua complexidade; e, finalmente, c) a discussão está afeita, seminalmente, antes, às formas de distribuição do que às reconfigurações que esta instância provoca, à revelia da natureza do dispositivo, se analógico ou digital.

Ainda na década de 1995, por exemplo, uma das primeiras tentativas de conceituação da circulação jornalística afirmava, por meio de um verbete do Dicionário de Comunicação, que se referia ao:

Total de exemplares efetivamente distribuídos em cada edição de determinado periódico (jornal, revista) ou de qualquer publicação. Valor quantitativo de maior ou menor difusão de um veículo impresso, entre o público leitor. Diferença aritmética entre a tiragem e o encalhe de cada edição. (RABAÇA, BARBOSA, 1995, p. 134-135)

Uma década mais tarde, e após revisão bibliográfica sobre o assunto, Machado (2008) alerta que a circulação segue sendo, 300 anos depois de defendida a primeira tese sobre jornalismo, uma das “(...) áreas menos tratadas pela literatura especializada, com prejuízos para a compreensão da dinâmica do jornalismo como um complexo de sistemas integrados (apuração, produção, circulação e financiamento)” (MACHADO, 2008, p. 22). A partir deste ponto de vista, seu olhar se volta para a retomada da discussão em uma perspectiva organizacional, voltada principalmente para a necessidade de se compreender, no processo produtivo do jornalismo, à revelia de seu suporte, tanto as dinâmicas como a importância da circulação.

A ênfase recai, na análise de Machado (2008), no entanto, antes sobre onde se quer chegar, e de que forma isso se dá, do que necessariamente em relação às complexificações que ocorrem na zona que se estabelece entre as duas instâncias. Há, sem dúvida, na relação com as discussões seminais, avanço na perspectiva, à medida que considera, nela, a geografia do ciberespaço, que descentraliza, por exemplo, as visadas axiomáticas próprias da sociedade dos meios (sistemas rígidos de distribuição, por exemplo) por meio da distinção entre sistemas de distribuição e circulação:

Como o próprio termo define, um sistema de distribuição

opera de forma centralizada, mantém uma hierarquia rígida entre os participantes e tem como objetivo principal a entrega das informações ao consumidor final. Muito mais flexível, um sistema de circulação funciona sem necessidade de uma hierarquia rígida, adota a descentralização como modelo padrão e tem como objetivo principal a disseminação das informações produzidas nestes diferentes centros. Um simboliza a apologia ao consumo enquanto o outro simboliza a apologia da participação. (MACHADO, 2008, p. 26)

A visada avança na discussão, insistimos, mas não considera o que ocorre no ambiente formado entre o momento de partida e o de chegada da informação para além das transformações espaço-temporais de percurso.

Zago (2012) parte deste ponto e reconhece a circulação como instância de transformação, cuja dinâmica se potencializa a partir da emergência de dispositivos como twitter. A face mais visível desta potencialização é a possibilidade de novos agentes se inserirem no processo de circulação das informações, reconfigurando o mesmo, o que possibilitaria, entre outros, a emergência de uma nova instância, que ela chama de “recirculação”. Recirculação, etapa subsidiária da circulação, é a possibilidade de o processo de transmissão de informações jornalísticas prosseguir na mão de outros atores após o que chama de “consumo” da informação jornalística.

É importante salientar que, se, de um lado, os olhares de Machado (2008) e Zago (2012), e dos que com eles dialogam em suas reflexões, avançam, como pontuamos, no sentido de compreendermos melhor esta instância a um tempo tão importante quanto pouco estudada chamada circulação, estão presos, ainda, à compreensão de que a circulação é uma espécie de “zona de transporte”, ou “atividade-serviço”. Ou seja, uma atividade-fim do jornalismo.

Não há dúvidas que não se pode pensar o jornalismo sem a circulação, assim como não se pode resumir esta instância à forma como as informações de natureza jornalística transitam. Como pontuou Fausto Neto (2013), “(...) a circulação foi, por muito tempo, considerada uma espécie de zona automática (FAUSTO NETO, 2010), e somente adquiriu uma dimensão problematizadora em um contexto mais recente, o da “sociedade em vias de midiaticização” (FAUSTO NETO, 2013 , p. 46).

A dimensão está relacionada ao fato que, nesta perspectiva – e em uma livre

interpretação, a circulação midiática operar igualmente como um dispositivo, ou seja, nem meio e nem mensagem:

É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio. Nesse duplo movimento observa-se um deslocamento/reescalamento, instalando novas lógicas de classificação em contextos interacionais em que está inserido. (FERREIRA, 2013, p. 147)

Compreender a circulação nessa perspectiva implica admitir que estamos diante de novas gramáticas interpretativas, à medida que os cenários de análises são antes assimétricos que simétricos; onde a linearidade dá lugar à heterogeneidade e dissolve-se, entre outras, noções de equilíbrio e causalidade.

Os intervalos, enquanto regra naturalizada, devem ser lidos como complexa processualidade, enfeixando relações sobre as quais não se detém o controle de suas dinâmicas. A própria existência, trajetos e efeitos dos vínculos que reúnem produção e recepção, resultam do “aparelho circulatório”, enquanto efeito de suas próprias disposições, na medida em que é este último quem define e impulsiona sobre quais condições se fundem as operações de sentidos. (...) no lugar da passagem automática – da produção à recepção, conforme pleiteava a “teoria das intenções” – emerge uma nova zona. Nasce das franjas das fronteiras (FAUSTO NETO, 2010, p. 9)

É nessa direção que caminha igualmente Braga (2012), quando salienta que pensar a circulação implica reconhecê-la tanto como espaço de possibilidades, como de investigação.

Nessas circunstâncias, já não é tão fácil distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, produção e recepção como instâncias separadas. O que, aliás, nos faz perceber que tal construção decorre mais de uma condição histórica específica (a fase de implantação dos meios de massa) do que uma pretendida “natureza do processo interacional – que, pela própria etimologia da palavra, enfatiza antes a indistinção dos papéis que uma especialização por “estrutura”. Ou seja, o exercício de diferentes ações, as assimetrias e opressões, devem ser relacionadas antes a cada tipo de interação, assim como

seus contextos significativos; e não uma pretendida lógica interacional no interagir. (BRAGA, 2012, p. 40)

As perspectivas não são excludentes. Ou seja, pensar a circulação antes como uma zona em que gramáticas são reconfiguradas do que como percursos que se complexificam, como estamos propondo a partir de Fausto (2010), Braga (2012) e Ferreira (2013), implica considerar, na visada, as questões espaciais, ligadas ao fluxo de informações. Ou seja, tem a ver com a compreensão que se trata, a circulação, de uma instância em que processos de enunciação, portanto de sentidos, têm lugar. Se isso ocorre é porque se trata, como dissemos, de um lugar marcado por relações de natureza complexas; não lineares, portando.

Retomando a discussão inicial, pensar o quarto narrador a partir da circulação jornalística implica observar, em primeiro lugar, que ele emerge, identitariamente dos sentidos que se estabelecem a partir do diálogo entre os dispositivos do sistema midiático, quando alinhados tematicamente. Ocorre que, para se estabelecer este alinhamento, é preciso que se verifique, igualmente, processos de co-referenciação (SOSTER, 2009), marcados pelo fluxo de informações entre um dispositivo e outro. Em isso ocorrendo, mais que a passagem de um lugar para outro, temos a criação de uma zona de contato que não apenas tensiona lugares como se estabelece, ela própria, como um lugar.

Observemos, agora, a partir de um acontecimento, como estas transformações se estabelecem.

3 Quem matou o golfinho “morto” na praia?

Podemos observar o que estamos afirmando, qual seja, o quarto narrador pelo viés da circulação midiática; como zona de transformação, portanto, a partir de algo que ocorreu no verão de 2016 no litoral argentino e que teve ampla repercussão no sistema midiático. A 16 de fevereiro de 2016, o site de notícias argentino Infozona veicula notícia² dando conta que um golfinho morrera na praia de Santa Terezita, litoral argentino, depois que turistas, segundo o relato, o retiraram do mar para fazer *selfies*

² Disponível em: <http://www.infozona.com.ar/santa-teresita-sacan-del-mar-delfin-para-sacarse-fotos-con-el-y-muere/> Acesso em: 11 de junho de 2016

com o animal.

O texto, de caráter opinativo, informava que a avidez dos banhistas fora determinante para a morte do mamífero, e que o caso viera à tona depois que um turista não apenas registrou como disponibilizou as imagens do golfinho morto na internet por meio de redes sociais. Na tela, em destaque, a foto principal mostrava dezenas de pessoas segurando acima de suas cabeças o golfinho; seguida, ao pé da página, de quatro fotos menores e uma sexta foto, onde o corpo do cetáceo era retratado morto, sobre a areia. Ao seu lado, a mão de alguém segurando um celular.

Imagem 1 – Notícia irrita o sistema midiático



Fonte: internet

Uma vez na rede, a notícia irritou os demais dispositivos do sistema midiático e de outros sistemas, como o terceiro setor, por meio de entidades ligadas à preservação da vida silvestre. É o caso da Função Vida Silvestre Argentina, que, a 16 de fevereiro,

lançara relato³ em seu site lamentando o ocorrido e recomendando cuidado para com as espécies em extinção. Observe-se que, apesar de não ter um caráter “jornalístico”, o site valeu-se de lógicas operacionais comunicacionais, portanto midiáticas, ampliando, desta forma, a zona de contato neste momento em processo de formação.

No dia seguinte, 17 de fevereiro de 2016, o assunto viraliza⁴ e começa a ser divulgado em site e redes sociais inclusive de outros países, caso dos jornais brasileiros *Correio Braziliense*⁵, de Brasília, e *Extra*, do Rio de Janeiro (imagens 2 e 3). Mas, também, em emissoras de televisão, programas de rádio e veículos impressos. No caso do relato feito pelo site do *Correio Braziliense*, por exemplo, é informado que o animal “(...) foi encontrado desidratado próximo ao litoral”.

O título do *Extra*, por sua vez, afirma categoricamente que o golfinho morreu após ser retirado da água pelos banhistas, como observamos na imagem abaixo.

Imagem 2 – Matéria do Correio Braziliense



Fonte: internet

³ Disponível em: http://www.vidasilvestre.org.ar/sala_redaccion/?14420/Delfines-franciscanas-cada-uno-cuenta Acesso em 11 de julho de 2016

⁴ Ou seja, repercute, circula sem controle pela internet. Para saber mais: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marketing_viral

⁵ Disponível em: http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2016/02/17/interna_mundo,518290/golfinho-morre-em-praia-argentina-e-turistas-se-juntam-para-tirar-self.shtml Acesso em: 11 de julho de 2016

Imagem 3 – Matéria do Jornal Extra



Fonte: Internet

O que temos aqui, pelo viés da circulação de informações de natureza jornalística, é o quarto narrador em operação. Ou seja, processos de enunciação realizados pelos dispositivos intermidiaticamente, ligados aos demais pelo que chamamos de alinhamento temático. Ocorre que, neste diálogo entre dispositivos, temos, também, a instauração de uma zona onde reconfigurações as mais diversas têm lugar; dentre estas, a partição de agentes “não midiáticos” – banhistas que encontram um golfinho, por exemplo – realizando ofertas de sentido por meio de dispositivos como smartphones e redes sociais, e interferindo, dessa forma, no fluxo dos acontecimentos do sistema midiático.

É o que se verifica, por exemplo, a partir do dia 17, quando a possibilidade de o golfinho ter chegado à praia vivo é aventada pela primeira vez. Isso ocorre a partir de um vídeo⁶ produzido por um banhista, e veiculado no site do jornal Clarin, um dos mais importantes da Argentina. Observe-se que o título se refere ao “aparecimento” do vídeo, sugerindo, em uma interpretação livre, que ele chegou à redação por meio de algum agente externo ao dispositivo. A dúvida quanto ao fato de o golfinho estar vivo ou não emerge na segunda linha do texto de apoio ao título: “Porém, não está claro se o cetáceo estava vivo ou morto antes de o retirarem da água⁷”.

Imagem 4 – o golfinho estava morto ou vivo?

⁶ Disponível em: http://www.clarin.com/sociedad/Aparecio-delfin-murio-Santa-Teresita_0_1525047838.html Acesso em: 11 de julho de 2016

⁷Tradução do autor.

Apareció el video del delfín que murió en la playa de Santa Teresita

Sigue la polémica Un turista registró el momento en que un hombre saca el animal del mar. Todavía no está claro si el cetáceo estaba vivo o muerto antes de que lo extrajeran del agua.



En Santa Teresita hubo polémica porque investigan si murió porque lo sacaron del agua.

Fonte: internet

Deste ponto em diante, a hipótese de o animal ter chegado à praia morto, contrariando a informação inicial, não apenas é assumida pelos relatos jornalísticos como ganha força a partir do testemunho do homem que o retirou do mar, o banhista Hernán Coria, que faz em entrevista⁸ à tevê argentina “Telefe”. O relato traz consigo duas informações importantes: que um segundo turista havia feito a mesma revelação (sobre a morte do animal) por meio do facebook e que o fato ficava claro em um vídeo publicado no youtube⁹ e veiculado na matéria no corpo da matéria. Ao acessá-lo, no entanto, somos informados que o mesmo não está mais disponível: “Turista agarra delfin bebe ...’ Este vídeo não está mais disponível devido à reivindicação de direitos autorais CARLOS JAVIER SOLIS. Desculpe.”

Imagem 5 – Vídeo bloqueado



Fonte: internet

⁸ Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=turista-diz-que-golfinho-ja-estava-morto-ao-ser-vitima-de-selfies-video-mostra-confusao&edt=25&id=415856> Acesso em: 11 de julho de 2016

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RIQFaVVYyG4> Acesso em: 15 de julho de 2016

O exemplo nos permite observar que as reconfigurações que se estabelecem na zona de contato não estão relacionadas apenas à forma como os relatos circulam por ela. Sugerem, ainda, que a oferta de sentidos se dá a partir de complexas regras de enunciação, afeitas, antes, ao que se transforma ao longo dos fluxos informativos que a lugares situacionais, como ocorrida na sociedade dos meios. É dizer, por outras palavras, que, a circulação, pensada como dispositivo, reconfigura inclusive os polos de emissão e recepção.

4 Considerações interpretativas

Compreender o quarto narrador implica observar, como dissemos, não apenas a forma como ele se estabelece identitariamente, o que se dá por meio do alinhamento temático a partir dos processos de enunciação realizados pelos dispositivos do sistema midiático, mas, também, que ele se personifica na zona de contato que estamos chamando de circulação. Ou seja, em um local processual midiaticado, marcado pela reconfiguração, em decorrência de sua condição “em movimento”, diferentemente das continuidades próprias da sociedade dos meios.

É o que se observa quando atores sociais são capazes não apenas de interferir na forma de funcionamento do sistema midiático, como se integrar a este e tomar para si responsabilidades que até há pouco eram exclusiva de dispositivos jornalísticos. Isso ocorreu, por exemplo, quando alguém disponibilizou, pela primeira vez, em redes sociais, fotos e vídeo do golfinho sendo retirado da água por banhistas ávidos por fazer *selfies* com o animal. Não se trata, a nossos olhos, apenas de uma mudança na forma como as informações circulam no sistema midiático, haja vista, como dissemos, que se trata de uma oferta de sentido feita por alguém que tomou para si o papel de emissor, sem estar legitimado, do ponto de vista institucional, para isso.

Temos, aqui, no diálogo com Braga (2012), um movimento em que um elemento (a tecnologia) é intercalado entre o sujeito e a ação que realiza, mas também, uma mudança na forma como a sociedade dialoga com ela mesma, de natureza midiaticada. É desta perspectiva que analisamos os acontecimentos.

Ainda que os processos interacionais mais longamente estabelecidos – da ordem da oralidade presencial e da escrita em suas múltiplas formas – continuem a definir padrões de comunicação, e lógicas inferenciais, que organizam a sociedade e suas tentativas, tais processos, em sua generalidade, se deslocam para modos mais complexos, envolvendo a diversidade crescente da mídiatização – o que é bem mais amplo e diversificado do que referir simplesmente o uso dos meios. (BRAGA, 2012, p. 35)

Observe-se que a emergência de novos atores no processo de circulação de informações retirou dos dispositivos jornalísticos, em decorrência do que afirmamos, o protagonismo das ofertas de sentido. Não quer dizer que eles deixam de ter importância, mas que passam a dividir espaço com outras instâncias enunciativas. É afirmar, por outras palavras, que estes, por mais de uma vez, tiveram de mudar o rumo de sua cobertura a partir da interferência, no fluxo de informações, de atores e não de dispositivos, caso dos sites noticiosos. Isso ocorreu, por exemplo, quando, depois de a notícia original estar circulando, alguém “corrige os repórteres” dizendo que o golfinho estava morto quando foi resgatado pelos banhistas.

Não nos alongaremos na análise, haja vista os constrangimentos espaciais. Mas devemos observar, a título de encerramento, que a passagem entre o acontecimento e sua mídiatização; e, desta, para a decorrente reconfiguração da narrativa, se dá pelo viés da produção discursiva, como apontou seminalmente Fausto Neto (2013). Ou seja, pela interferência da circulação na linguagem.

(...) a linguagem possibilitaria, por sua especificidade, pelo menos duas operações: a primeira trata-se da exteriorização do dizível em forma, na condição de textos presos a lógicas e gramáticas. E a segunda, que se constitui numa operação que se dá em um âmbito de determinado processo circulatório, quando põe em marcha a atividade significativa da qual emergem as regras através das quais a linguagem se transforma em atividade geradora de discursividade. (FAUSTO NETO, 2013, p. 50)

Encerramos dizendo que, a partir da a) exteriorização do dizível, mas, também, b) da geração de discursividade, temos condições, então, de pensar os processos de enunciação na perspectiva da narratividade, o que implica considerar, na análise, o

papel do observador nesta processualidade, desafio que nos convoca às próximas reflexões.

Referências

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JÚNIOR, Jader; MATTOS, Maria Angela; JACKS, Nilda. **Mediatização & midiaticização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

FAUSTO NETO, Antonio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?. In: BRAGA, José Luiz (Org.) ; FERREIRA, Jairo (Org.) ; FAUSTO NETO, Antonio (Org.) ; GOMES, Pedro Gilberto (Org.) . **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. v. 1. 43p .

FAUSTO NETO, Antonio; SGORLA, Fabiane. **Zona em construção**: acesso à mobilidade da recepção da ambiência jornalística. In: Encontro Anual da Compós, 2013, Salvador, XXII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós). Anais.

FAUSTO NETO, Antonio. As bordas da circulação. In: **Mediatización, sociedade y sentido**: diálogos entre Brasil e Argentina. Coloquio del Proyecto “Mediatización, sociedade y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. Anais... Departamento de Ciencias de la Comunicación. 2010. 2016 p.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, José Luiz (Org.) ; FERREIRA, Jairo (Org.) ; FAUSTO NETO, Antonio (Org.) ; GOMES, Pedro Gilberto (Org.) . **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. v. 1. 182p .

GENETTE, Gerárd. **Figuras III**. Barcelona: Lumen, 1988.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LUHMANN, Niklas. **Poder**. Barcelona: Paidós, 2005.

MACHADO, E. **Sistemas de circulação no ciberjornalismo. Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 21-37, 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador**. Signo (UNISC. Online), v. 1, p. 154-161, 2016.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. O sistema como quarto narrador do jornalismo. In: Ana Carolina Rocha Pessôa Temer; Marli dos Santos. (Org.). **Fronteiras híbridas do jornalismo**. 1ed. Curitiba: Appris, 2015, v. 3, p. 161-176.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. O jornalismo midiaticizado e a reconfiguração das vozes narrativas nos livros-reportagem de Eliane Brum. In: Antonio Fausto Neto; Natalia Raimondo Anselmino; Irene Lis Gindin. (Org.). **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. 1ªed. Rosario (AR): UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2015-a, v. , p. 255-270.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana. **Narrativas literárias no jornalismo impresso diário**: o caso dos jornais Zero Hora e Gazeta do Sul. Brazilian Journalism Research (Online), v. 1, p. 128-149, 2016.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Dialogia e atorização**: características do jornalismo midiaticizado. In: 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (11º SBPJor). – Brasília – Universidade de Brasília (UnB) – Novembro de 2013. Anais.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O jornalismo em novos territórios conceituais**: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos. São Leopoldo: Unisinos, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Circulação jornalística potencializada**: o twitter como espaço para filtro e comentário de notícias por interagentes. C&S – São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 249-271, jul./dez. 2012.